



## CENAS URBANAS: MODOS PELOS QUAIS SKATISTAS E ESCOLA VÊM RELACIONANDO-SE NA CONTEMPORANEIDADE<sup>1</sup>

Juliana Cotting Teixeira<sup>2</sup>  
Meri Rosane Santos da Silva<sup>3</sup>

### RESUMO

Como vem funcionando parte das relações entre os skatistas e a escola na cidade de Rio Grande? Que papéis a instituição escolar vem exercendo? Como os skatistas conduzem-se nessas relações? O encontro com tais problemas, gerados a partir de um modo cartográfico de compor a realidade e de investigar no campo da educação, constituíram esse recorte de pesquisa. Suas principais considerações são de que as ações de articulação entre skatistas e instituição escolar funcionam, entre outras coisas, como relações de poder estratégicas. A aproximação com a escola se dá, perante as práticas dos skatistas, como uma estratégia de legitimação de suas condutas, de modo a exercer práticas agonísticas de liberdade. De outro modo, a escola atua como mecanismo de normalização biopolítica, produzindo efeitos produtivos de educação e controle dos skatistas para além de seus muros.

**Palavras-Chave:** Skate. Escola. Poder.

### URBAN SCENES: MODES IN WHICH THE SKATERS AND THE SCHOOL HAVE BEEN RELATING THEMSELVES IN THE CONTEMPORANEITY

### ABSTRACT

How have been running part of the relationship between the skaters and the school at the Rio Grande city? What roles the scholar institution has been exercising? How the skaters conduct themselves in this relationships? The encounter with such problems generated from a cartographic model of compounding the reality and of investigation in the education field have constituted this research cutting. Its main considerations are that the actions of articulating between skaters and the scholar institution work, among other things, as relationships of strategic power. The approach with the school is, towards the skaters practices, like a strategy of legitimizing their conducts, exercising agonistic practices of freedom. In another way, the school acts as a biopolitical normalization mechanism, producing productives effects of education and control of the skaters beyond its walls.

**Keywords:** Skate. School. Power.

### ESCENAS URBANAS: MANERAS POR LOS CUALES LOS SKATISTAS Y ESCUELA SE VIENEN RELACIONANDO EN LA CONTEMPORANEIDAD

### RESUMEN

¿Cómo viene funcionando parte de las relaciones entre skatistas y la escuela en ciudad de Rio Grande? ¿Qué papeles la institución escolar viene ejerciendo? ¿Cómo los skatistas se comportan en esas relaciones? El embate con tales problemas, generados partiendo de una manera cartográfica de componer la realidad y de averiguar en el campo de la educación, constituyeron ese recorte de

<sup>1</sup> O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

<sup>2</sup> Graduanda em Educação Física-Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

<sup>3</sup> Doutora em Ciências do Movimento Humano da UFRGS.



*V Extremos do Sul*  
Educação Física e espaços de atuação:  
Interlocuções e diálogos com o discurso escolar, da  
Saúde, da Recreação/Lazer e do Treinamento

Furg - Rio Grande - RS / 14, 15 e 16 de outubro de 2015

pesquisa. Sus principales consideraciones son que las acciones de articulación entre skatistas y institución escolar funcionan, entre otras cosas, como relaciones de poder estratégicas. El acercamiento con la escuela ocurre delante las prácticas de los skatistas, como una estrategia de legitimación de sus conductas, de modo de ejercer prácticas agonísticas de libertad. De otra manera, la escuela actúa como un mecanismo de normalización biopolítica, produciendo efectos productivos de educación y control de los skatistas para más allá de sus muros.

**Palabras-Clave:** Skate. Escuela. Poder.

## INTRODUÇÃO

Dentre as variadas relações que os skatistas vêm estabelecendo com os espaços urbanos da cidade, uma delas, para essa escrita, ganha destaque. Trata-se dos modos pelos quais a instituição escolar e os skatistas<sup>4</sup> vêm relacionando-se, contribuindo, de um lado, na produção de efeitos de legitimidade à constituição desses sujeitos urbanos de proporções virais<sup>5</sup> na contemporaneidade e de outro, atuando como uma prática educativa e de controle dos jovens para além de seus muros. Tais considerações emergem de parte dos registros de análise de uma pesquisa de mestrado em andamento, que visa mapear as ocupações das ruas pelos skatistas de Rio Grande/RS.

Ações que visam relacionar skate e escola não são exclusividade do município em questão. Uma breve pesquisa pelo site *Google*, com os termos “skate escola”, nos fornecem um panorama de uma articulação em funcionamento nos últimos anos. Intervenções de ONG composta por skatistas e outros profissionais situada na cidade de São Paulo/SP, intitulada “Skate Solidário”, que atua por meio de realização de oficinas, exibição de vídeos e palestras sobre skate, principalmente, a convite das escolas; escolinhas de formação esportiva de skatistas, com sede em pistas, aulas em dias e horários estabelecidos e mensalidade a pagar, na cidade de Porto Alegre/RS; relato de experiência, na revista online “Nova Escola”, descrevendo a iniciativa de uma professora que passou a inserir o skate nas suas aulas como ferramenta pedagógica; entre outras.

No campo das produções acadêmicas, já é possível acessar publicações direcionadas às possibilidades educacionais do skate (ARMBRUST, LAURO, 2010); ao ensino do skate nas aulas de Educação Física escolar, enquanto um esporte radical (ARMBRUST, SILVA, 2010); e as relações de poder entre skatistas e escola numa perspectiva sociológica, amparada em Norbert Elias e Pierre Bourdieu (HONORATO, 2009). Logo, é evidente que aproximar

<sup>4</sup> Estão sendo entendidos como skatistas, nessa pesquisa, todos aqueles sujeitos que portando ou não um skate – tábua de madeira anexada a dois eixos e quatro rodinhas – consideram-se como tais.

<sup>5</sup> De acordo com matéria da revista “Cemporcento Skate”, de março de 2012, com base em pesquisas realizadas pelo Instituto Datafolha, os skatistas somam quase 4 milhões espalhados em todo território nacional, 20% de aumento com relação ao último levantamento, de 2006. Para mais, ver: <http://www.cbsk.com.br/Dados>.



**V Extremos do Sul**  
Educação Física e espaços de atuação:  
Interlocuções e diálogos com o discurso Escolar, da  
Saúde, da Recreação/Lazer e do Treinamento

Furg - Rio Grande - RS / 14, 15 e 16 de outubro de 2015

esses dois temas – escola e skatistas – não se trata de algo novo, ou impensado. Talvez, o que distancie as ações e produções citadas ao que desejo compor nesse texto esteja não só na particularidade do solo geográfico dessa pesquisa – a cidade de Rio Grande<sup>6</sup> -, mas, também, nos olhares que lanço a dada relação, olhares ditos pós-modernos, inclinados “não busca verdade sobre o mundo, mas de insights” (VEIGA-NETO, 2002, p. 35).

É nessa perspectiva que me deparo com uma série de registros e de práticas observadas num processo maior de pesquisa, conectadas por linhas de aproximação entre skatistas e escola, os quais descrevo na próxima seção. O encontro com tais materiais constituiu-se como condição de possibilidade ao pensamento e aos problemas daí gerados. Como vem funcionando parte das relações entre os skatistas e a escola na cidade de Rio Grande? Que papéis a instituição escolar vem exercendo? Como os skatistas conduzem-se nessas relações?

Esses problemas logo me levaram a determinadas análises em suspenso, sintonizadas com os olhares que venho experimentando e as afetações teóricas de um processo de envolvimento com uma forma cartográfica de pesquisar. Passo a perseguir as seguintes considerações: as ações de articulação entre skatistas e escola funcionam, entre outras coisas, como relações de poder estratégicas (FOUCAULT, 1995). A aproximação com a instituição se dá, perante as práticas dos skatistas, como uma estratégia de legitimação de suas condutas, de modo a exercer práticas agonísticas de liberdade. Além disso, a escola, mesmo enquanto instituição disciplinar, atua também como mecanismo de normalização biopolítica (FOUCAULT, 2005), produzindo efeitos positivos de educação e controle dos skatistas, para além de seus muros.

## UM MODO CARTOGRÁFICO DE PESQUISAR

Deleuze e Guattari (1995) apresentam uma série de características para pensarmos numa composição cartográfica da realidade, a partir da metáfora do rizoma, traçado como

---

<sup>6</sup> Rio Grande é um município localizado no extremo sul do Rio Grande do Sul, colonizado por famílias de origem européia, sobretudo ingleses, alemães, portugueses e espanhóis, e abriga atualmente cerca de duzentos mil habitantes. Cidade portuária, encontra na pesca, nas atividades do pólo naval e na agricultura, suas principais fontes de sustentação econômica. Entre as práticas esportivas podemos destacar as aquáticas como as mais pioneiras, visto que além de um estuário, também abrange o bairro-balneário Cassino, fundado em 1890 e, desde então, tomado como um espaço privilegiado de lazer e de turismo na região. (TEIXEIRA, FREITAS, 2013). Destaco que no período de realização da pesquisa, a cidade passava por um intenso *boom* populacional, pela migração de mais de 20 mil trabalhadores, decorrente da implementação de um Pólo Naval. Isso produziu um aumento do número de carros, de pedestres, da circulação e fluxo nas ruas, além de outras demandas de controle urbano, como pavimentação e construção de moradias em locais antes inóspitos.



forma de afastamento a uma tendência arborescente. O rizoma, com suas seis características aproximativas na composição de outro pensamento sobre a realidade<sup>7</sup>, tem, na cartografia, o seu método de criação, ancorado na produção de territórios existenciais e de linhas de produção de subjetividades, sempre dinâmicos e processuais. A cartografia, assim, consiste numa experimentação ancorada no real. (KASTRUP, PASSOS, ESCÓCIA, 2012).

Ancorada, especialmente, na composição de mapas existenciais e de suas linhas de constituição<sup>8</sup>, a cartografia abre-se ao intempestivo, deslocando-se de uma centralidade num método fixo na direção de uma arte de fazer pesquisa (MAIRESSE, 2003). Logo, não se trata de apresentar “a” cartografia, mas sim, “uma” cartografia, que se fez possível na singularidade de seus intercessores, afetações e agenciamentos.

Para essa escrita, destaquei alguns materiais variados que estiveram presentes na produção do nó temático “escola e skatistas” diante de uma rede de outros nós e linhas que venho compondo. Como o rizoma, “a rede articula elementos heterogêneos como saberes e coisas, inteligências e interesses, onde as matérias trabalham fora do controle dos métodos” (KASTRUP, 2003, p. 57).

Os materiais analisados se referem a notícias de jornal impresso local, do ano de 2013 e 2014; registros publicados no site da Secretaria Municipal de Educação (SMED) relativos ao evento “Encontros de Skatistas” de uma escola pública de Ensino fundamental da cidade de Rio Grande, em suas três edições, ocorridas nos anos de 2013 e 2014, de iniciativa da diretora da instituição junto a alguns skatistas-escolares; registros nas redes sociais de skatistas, relativos ao ano de 2013, sobre o evento “Skate no Recreio”, em que um grupo<sup>9</sup> de skatistas da cidade se reúne, junto a equipamentos de som, DJs e grafiteiros, a convite da direção da escola, para realizar uma intervenção de skate, música e grafite no intervalo escolar; fotografias retiradas dos sites dessas escolas; bem como, de escutas de participantes

<sup>7</sup> São as seis características aproximativas do rizoma: princípio de conexão e de heterogeneidade; da multiplicidade; da ruptura assinalante; da cartografia e decalcomania. Para mais, consultar Deleuze e Guattari (1995).

<sup>8</sup> Podem ser de territorialização ou segmentaridade, que tentam definir e dar uma rota segura ao território, bem como de desterritorialização ou de fuga, pelas quais um pensamento foge sem parar, um vazamento numa tubulação, uma rachadura numa estrutura (OLIVEIRA, PARAISO, 2012)

<sup>9</sup> Uma pesquisa que investigou, através de entrevistas, parte da história oral dos skatistas de Rio Grande/RS, demonstrou que um dos aspectos significativos do funcionamento da prática do skate na cidade é o andar em grupos, isto é, mesmo que se caracterize como um esporte individual, os skatistas têm se organizado ao longo do tempo em grupos aglutinados por proximidade habitacional e modos de ser skatista, tornando possível, entre outras coisas, que na atualidade tenhamos uma série de grupos de skate constituindo a prática em detrimento de uma única *tribo* ou de skatistas individuais exercendo suas manobras e deslizares (TEIXEIRA, FREITAS, 2013)



**V Extremos do Sul**  
Educação Física e espaços de atuação:  
Interlocuções e diálogos com o discurso Escolar, da  
Saúde, da Recreação/Lazer e do Treinamento

Furg - Rio Grande - RS / 14, 15 e 16 de outubro de 2015

desses eventos e de outros intercessores que tenho me encontrado no decorrer dessa empreitada.

A seguir, apresento algumas análises que compõem a produção do nó skatistas e escola, de modo a demonstrar parte de seu funcionamento. As passagens em *“itálico entre aspas”* referem-se aos dados retirados do *corpus* de pesquisa referido. Tratei-os em três perspectivas de análises, intitulados Cenas Urbanas, são eles: Skatistas pelas ruas: a invenção de um problema; A Escola vai à rua: modos contemporâneos de educar e controlar; e, por fim, Skatistas vão à Escola: estratégias de legitimar-se.

### SKATISTAS PELAS RUAS: A INVENÇÃO DE UM PROBLEMA

Uma reportagem, de página inteira, do Jornal Folha Gaúcha, de Rio Grande, de maio a junho de 2013, apresenta em seu título *“Ciclistas e skatistas se confundem em meio ao trânsito”*. Num período de intensa chegada de trabalhadores ao Pólo Naval e de aumento no número de carros, alguns problemas de mobilidade urbana passam a ser identificados e expostos pelo jornal local, especialmente, o uso da bicicleta e do skate nas vias. Segundo o Secretário de Mobilidade Urbana e Acessibilidade, convidado a falar para o jornal, é preciso *“conversar com quem anda de bicicleta, entender as necessidades para podermos fazer o melhor por eles”*. A ciclovia é lançada como projeto futuro ao município, visando *“assegurar a bicicleta como meio de transporte”*. No caso dos skatistas, a notícia menciona que *“carros, motos e ônibus se confundem entre skatistas que alternam entre a calçada, levando perigo aos pedestres, e o meio da rua, oferecendo perigo a si e ao trânsito (...) eles acabam circulando entre os carros, é um trabalho que precisa ser educativo para entender o perigo e oferecer novas áreas de lazer. Como solução está sendo analisada pela pasta da Secretaria a construção de novas pistas de skate”*. Além da diferença de tratamento dada a esses dois públicos em mobilidade, ciclistas e skatistas, em que, num caso, é preciso escutá-los e, no outro – sujeitos perigosos – é preciso educá-los e colocá-los em pistas de skate<sup>10</sup>, a matéria desconsidera a possibilidade de o skate ser usado também como meio de transporte. Há relações assimétricas de poder em jogo nessas duas formas de mobilidade diante o Executivo

<sup>10</sup> As pistas de skate são construções de concreto, madeira ou metal, contendo obstáculos, rampas, transições, corrimãos, escadas, entre outros, cujo desenho busca imitar os encontrados nas ruas. Há também modelos de pistas para a modalidade vertical, com desenho e transições próximas a de uma piscina vazia de fundo arredondado. Essas pistas tiveram suas construções iniciadas no Brasil por volta dos anos 70, com vista a competições e como medida disciplinar ao skate de rua (BRANDÃO, 2014), sendo que, na cidade de Rio Grande, através de iniciativas individuais e em pátios residenciais, emergiram no final dos anos 80 (TEIXEIRA, FREITAS, 2013).



municipal, criando condições para que, mesmo com características muito próximas – transportes individuais de domínio imprevisível, ambos possíveis de serem caracterizados como ciclos pelo Código de Trânsito Brasileiro –, um exerça maior legitimidade que o outro. A regulamentação da rua, perante a lei, funciona como saber privilegiado que justifica o exercício de poder sobre os skatistas e outros modos instituintes de mobilidade urbana.

As relações de poder se dão sempre como estratégias de luta, de modo que essas são intrinsecamente racionais. Pode-se chamar de relações de poder aquelas relações de luta ou confronto que visam a dominação do(s) outro(s) segundo uma racionalidade própria (VEIGA-NETO, 2013, p. 21)

Outra reportagem do jornal local Diário Popular, de agosto de 2014, apresenta também em página inteira matéria intitulada *“Skatistas no trânsito: há como controlar”*. Aqui, o skate nas vias de trânsito volta a ser tomado como um problema com difícil solução, já que *“como não há legislação que se possa enquadrá-los, temos muita dificuldade em abordá-los, principalmente quando são menores de idade”*. Uma das iniciativas que vem sendo pensadas, novamente, pela pasta de Educação da Secretaria de Mobilidade Urbana e Acessibilidade, é *“procurar debater a questão da conscientização dentro das escolas, fazendo, o que algumas já fazem, proibir os alunos de entrar na escola com o skate. Ainda estamos pensando se fazemos isso se por decreto ou dispositivo. Isso ajudaria a melhorar o trânsito já que se não pudesse entrar na escola ele não iria até ela com ele”*. Nessa matéria, é apresentado também um “Contraponto”, contendo o posicionamento de um skatista sobre o problema: *“o melhor caminho para o skatista é a via. Sempre procuro andar pelo sentido correto e sempre indico a gurizada fazer isso também. Só que é preciso ter desenvoltura pra andar de skate na via. Mas sou totalmente favorável ao skate como meio de transporte”*.

Para Oliveira e Paraíso (2012), o esforço da cartografia reside em suscitar problemas, em produzir incêndios sobre formas instituídas na possibilidade de criar outras. Logo, trata-se de problematizar essas formas que se colocam como problemas universais, como consensos, como obviedades, na direção de multiplicar as linhas de fuga e as vozes em jogo. Como é possível que skatistas pelas ruas tornem-se problema e que, como um de seus efeitos, a instituição escolar passe a intervir no estabelecimento de relações com esses sujeitos? A seguir, exponho alguns modos pelos quais o problema dos skatistas nas ruas reverbera em modos de educação e controle desses sujeitos numa articulação entre instituições sociais, sobretudo a escola, para além de seus muros.



**V Extremos do Sul**  
Educação Física e espaços de atuação:  
Interlocuções e diálogos com o discurso Escolar, da  
Saúde, da Recreação/Lazer e do Treinamento

Furg - Rio Grande - RS / 14, 15 e 16 de outubro de 2015

## A ESCOLA VAI À RUA: MODOS CONTEMPORÂNEOS DE EDUCAR E CONTROLAR



Figura 1: Foto de autoridades e representantes de instituições sociais envolvidas no evento “Encontro de Skatistas”, dezembro de 2013.

Fonte: <https://www.facebook.com/pages/Escola-SantAna/261599583919498>

A fotografia acima, registrada no 2º encontro de skatistas da Escola Municipal de Ensino Fundamental Santanna, no ano de 2013, localizada na periferia do município, não podia ser mais emblemática à cena que aqui construo. Trata-se de um momento de fala de representantes de instituições envolvidas no palco montado ao evento – local em que ocorreram também shows de rap e narração de uma competição de skate. São eles, da direita à esquerda: um policial militar, o atual prefeito do município, o Papai Noel<sup>11</sup>, o atual secretário de Educação do município, uma representante da comunidade, um vereador envolvido na implementação de pistas de skate na cidade, a diretora da escola e um skatista e narrador de eventos convidado. Lá, puderam proferir discursos à favor de maior “segurança” e “assistência” aos skatistas, os quais, na sua maioria, são também adolescentes em idade escolar.

Na página da SMED, encontram-se registros contendo descrições mais detalhadas desses eventos. Na primeira edição, a diretora da escola depõe que “a motivação para o evento é o fato de que os alunos andam de skate pelo meio da rua em meio aos carros dos

<sup>11</sup>A figura do Papai Noel estava presente pelo fato do evento também estar comemorando a chegada do “Papai Noel” à comunidade, já que o encontro ocorreu no mês de dezembro. Nesse sentido, cabe mencionar que a figura Papai Noel pode também servir como potente intercessor à reflexão sobre a educação e controle de crianças e jovens, uma vez que, uma das práticas natalinas desse personagem é examinar a boa ou má conduta de seus pequenos admiradores ao longo do ano para, somente em casos de bom comportamento, presentear os jovens com seus pedidos de Natal.



**V Extremos do Sul**  
Educação Física e espaços de atuação:  
Interlocuções e diálogos com o discurso Escolar, da  
Saúde, da Recreação/Lazer e do Treinamento

Furg - Rio Grande - RS / 14, 15 e 16 de outubro de 2015

*professores, e não conseguimos conscientizá-los dos riscos que correm, então decidimos parar uma manhã inteira para fazer o evento em segurança, valorizando o apelo deles que, na verdade, não tem espaço pra prática*". Na contramão de iniciativas de proibição e de interdição do skate nas ruas - já que esses skatistas deslizam sobre as tentativas de conscientizá-los de que seus espaços de prática não são espaços à prática – a escola, articulada a outras instituições sociais, engajou-se num processo de tratamento das questões de ocupação da rua por esses sujeitos de forma a deixá-la acontecer sob determinadas condições. O desejo de manobrar e deslizar pelo asfalto, de transitar entre os carros sob quatro rodinhas, enfim, de ocupar as ruas com um skate sob os pés, passa a tornar-se alvo de controle e de governo. Trata-se, antes de qualquer tentativa de proibição, de governar o desejo, marca de funcionamento de um biopoder<sup>12</sup> atuando sobre o controle da população.

O jogo espontâneo e ao mesmo tempo regrado do desejo permitirá de fato a produção de um interesse de algo que é interessante para a própria população. Produção do interesse coletivo pelo jogo do desejo: é o que marca ao mesmo tempo a naturalidade da população e a artificialidade dos meios criados para geri-la e governá-la (FOUCAULT, 2008, p. 95)

Na 3ª edição do encontro de skatistas, no ano de 2014, junto à Semana da Família, também comemorada pela escola, anuncia-se uma novidade. *“Uma calçada, em toda a extensão da escola, foi inaugurada neste dia. Uma das principais causas da construção, através da administração municipal, é pra que os alunos que usam o skate façam o uso do espaço apropriado e não da rua”*. Em conversas que tive com skatistas da região, bem como de práticas observadas naquelas ruas, em que diariamente é possível notar a presença dos skatistas, pude perceber que mesmo com a calçada, eles ainda ocupavam algumas ruas com seus obstáculos móveis. Quando pergunto a eles os motivos de não estarem usando a calçada, tive o seguinte depoimento: *“A calçada não dá pra gente porque somos muitos e fica muito apertado. A gente quer é uma pista de skate pra andar e não se incomodar mais”*. Ainda nos registros da página da SMED sobre o referido encontro, a diretora apresenta que *“a escola, assumindo sua função formativa integral, oferece esse espaço [encontros de skatistas] em duas datas por ano, nas quais a rua Colômbia é fechada para a prática do skate, com*

<sup>12</sup> Nova tecnologia de poder que se instala na sociedade, durante a segunda metade do século XVIII, que “se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida” (FOUCAULT, 2005, p. 289)



**V Extremos do Sul**  
 Educação Física e espaços de atuação:  
 Interlocuções e diálogos com o discurso Escolar, da  
 Saúde, da Recreação/Lazer e do Treinamento

Furg - Rio Grande - RS / 14, 15 e 16 de outubro de 2015



*autorização e representação das autoridades ligadas as secretarias de Educação, de Trânsito, de Segurança e de Saúde”.*

Veiga-Neto (2013) anuncia que, na passagem de uma sociedade disciplinar a uma sociedade de Controle (Deleuze, 1992), em que se dissolvem as fronteiras físicas dos muros institucionais como critério de controle das populações, coloca-se em funcionamento um exercício de poder capaz de normalizar no espaço aberto, nos fluxos, e nas redes.

A desinstitucionalização do poder não significa desconsiderar a importância das instituições, mas sim, não tomá-las como fonte, lócus, centro ou raiz do poder, invertendo o caminho investigativo, analisá-las a partir das relações de poder que a atravessam e que atravessam os indivíduos (VEIGA NETO, 2013, p. 24)

Logo, a escola, articulada a outras instituições sociais, exercem um papel de educação e controle dos jovens skatistas para além de seus muros, acionando relações de poder-saber assentadas no discurso jurídico da lei de trânsito e da necessidade de segurança. Assim, a instituição escolar assume um papel de agenciamento do poder, deslocando suas práticas, antes restritas às suas práticas internas e tecnologias disciplinares, ao espaço social mais amplo.

## **OS SKATISTAS VÃO À ESCOLA: ESTRATÉGIAS DE LEGITIMAR-SE**

Um grupo de skatistas da região central do município, característico pelas suas indumentárias uniformizadas com sua estética próprias<sup>13</sup>, inclusive, as bombetas<sup>14</sup>, e pela articulação com *DJs*, grafiteiros, rimadores e uma *skate shop* que os acompanha e patrocina, vem, há alguns anos, produzindo intervenções de skate, grafite e música no intervalo de uma escola particular católica de ensino médio. O convite partiu da própria instituição, com o intuito de “*aproximar a escola das práticas de seus alunos*”.

Como resultado de uma das intervenções do “Skate no Recreio”, o grupo pôde produzir um vídeo *teaser* das atividades lá ocorridas. No início do vídeo, um skatista fala à câmera: “*Bah mano, no colégio que me corriam porque eu andava de skate, agora me convidaram e eu entrei pela porta da frente (risos)*”. Foi nessa experiência um tanto ambivalente de ocupação da escola que o grupo não mediu esforços para legitimar-se por ali. Faixas enormes da *skate shop* foram hasteadas – loja pela qual tem nos jovens de classe média

<sup>13</sup> Na página da rede social do grupo de skatistas em questão encontra-se a seguinte descrição sobre seu slogan “*Não seguimos o sistema, criamos o nosso*”.

<sup>14</sup> As bombetas são bonés fundos de aba reta característicos de tribos urbanas, especialmente, oriundas do movimento Hip Hop.



**V Extremos do Sul**  
Educação Física e espaços de atuação:  
Interlocuções e diálogos com o discurso Escolar, da  
Saúde, da Recreação/Lazer e do Treinamento

Furg - Rio Grande - RS / 14, 15 e 16 de outubro de 2015

alta, bem como estudantes da referida escola, o seu principal público consumidor; mesas equipadíssimas de som para *DJ* e *MC* foram instaladas; placas de madeira com grafites contendo as palavras: “*Fé, razão, amor*”, “*estudo*”, “*respeito*”, “*saúde*”, “*paz*”, “*união*”, entre outras, foram colocadas na parede do pátio escolar; e skates completos e novos foram presenteados a alunos da escola que se dispusessem a andar de skate e participar das atividades.

Diante disso, pergunto a um dos participantes skatistas de uma das intervenções sobre o que eles acham dessa articulação skate e escola. Ele me responde que: “*é melhor a gente fazer do nosso jeito, ir lá e mostrar o que é o skate pra nós do que qualquer outra coisa*”. Logo, passo a considerar que ocupar esse espaço que já foi cenário de tensão aos skatistas, em que já foram “corridos” por ocupá-lo sob um skate – esse espaço “inapropriado” – hoje, sob determinadas formas, produz sentidos produtivos de legitimação de suas práticas e condutas. Trata-se, antes, de uma articulação com a escola, visando menos uma submissão aos seus saberes e poderes, e mais uma condução da própria conduta, ou ainda “uma forma de usar o saber e o poder como relações estratégicas” para legitimar-se. (DELEUZE, 2005, p. 109).

Não há titularidade do poder. A racionalidade do poder é a das táticas, que, encadeando-se entre si, invocando-se e propagando-se, encontrando em outra parte apoio e condição, esboçam finalmente dispositivos de conjunto. É no quadro dessas táticas, nos espaços que elas criam, que igualmente se produzem os espaços de enfrentamento: os exercícios agonísticos de liberdade” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, VEIGA-NETO, FILHO, 2011, p. 18).

Nesse sentido, trata-se menos de uma oposição entre skatistas e escola, em que esses primeiros viriam a bloqueá-la de suas possibilidades de relação e conexão, em virtude de um poder de interdição ao espaço já exercido antes, e mais de um exercício agonístico de liberdade, “uma relação que é, ao mesmo tempo, de incitação recíproca e de luta, menos de uma oposição e bloqueio e mais de uma provocação permanente” (FOUCAULT, 1995, p. 245).

Assim, como outros estudos já apontaram, tais práticas tratam-se, entre outras coisas, de um processo de normalização em que skatistas vêm passando de “vilões a mocinhos” (LAURO, 2011), mas é preciso considerar que, especialmente nas relações com a escola, e nesses signos, há um tom irônico presente nas condutas desses sujeitos, como forma de lutar pela sua própria subjetividade. “O sujeito do discurso irônico sabe que o que diz não é propriamente o que a coisa é e sabe que a coisa nunca é aquilo de que dela se diz”



**V Extremos do Sul**  
Educação Física e espaços de atuação:  
Interlocuções e diálogos com o discurso Escolar, da  
Saúde, da Recreação/Lazer e do Treinamento

Furg - Rio Grande - RS / 14, 15 e 16 de outubro de 2015

(ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, p.100). Logo, ao grafitem as palavras “Saúde”, “Estudo”, União”, não significa que esses dizeres sejam constituidores tal qual suas práticas, mas sim, que lhes interessa menos sua aplicação que seus efeitos de legitimidade no espaço escolar que ocupam.

Ainda no vídeo *teaser* de uma das intervenções, noto que um aluno é chamado para fazer uma rima improvisada no microfone do *MC* presente. Logo, esse aluno, com uma bombeta branca, tênis coloridos e alargadores nas orelhas, complementando o uniforme escolar, pega o microfone e rima, entre outras coisas: “*Já mandei minha lei, já representei, pode crer que o vagabundo aqui agora é rei*”. Nesse sentido, não se trata de deixar de ser vagabundo por completo<sup>15</sup>, de tornar-se mocinho ou rei numa relação fatalista de dominação a uma rede de poder-saber que visa normalizá-los, mas, especialmente, de estabelecer relações estratégicas com os espaços que ocupam e com as malhas de normalização que os atravessam, de modo a exercer maior domínio de si no âmbito de seus processos de subjetivação e de relação consigo mesmo.

## PÓS-FASCIO DE UMA TRAMA

Como parte de uma cartografia da ocupação das ruas pelos skatistas de Rio Grande, destaquei para essa escrita três cenas urbanas do nó existencial entre skatistas e escola. Na primeira delas experimentei alguns olhares a matérias de jornal que vinham problematizando o skate nas ruas, e propondo algumas soluções ao “problema”. As pistas de skate e medidas educativas de controle desses sujeitos na cidade se apresentaram como a principal solução. Aqui, passo a desconfiar da obviedade com que vem sendo tratada essa presença problemática e essa necessidade de controle desses no espaço urbano, especialmente, com relação a outros ciclos presentes na cidade colocados em posição assimétrica de legitimidade. Na segunda cena, construo algumas relações entre escola e skatistas a partir de edições do evento “Encontro de skatistas da Escola Santanna”, o qual mesmo disparado por esses primeiros num processo de problematização do andar na rua, a escola, como instituição educativa para além de seus muros, responsabiliza-se e toma a frente do “problema” à seus modos. Mesmo enquanto instituição marcadamente disciplinar, a escola atua também como mecanismo de normalização biopolítica (FOUCAULT, 2005), produzindo efeitos positivos de educação e controle dos skatistas em suas práticas extra-escolares. E, por fim, na terceira cena, apresento

<sup>15</sup> Vale destacar que o nome do grupo de skatistas em questão é “*Vagabonds street family*”.



**V Extremos do Sul**  
Educação Física e espaços de atuação:  
Interlocuções e diálogos com o discurso Escolar, da  
Saúde, da Recreação/Lazer e do Treinamento

Furg - Rio Grande - RS / 14, 15 e 16 de outubro de 2015

algumas conexões feitas sobre o evento “Skate no recreio”, realizado por um grupo de skatistas na escola particular Salesianos. Aqui, as práticas produzidas e protagonizadas pelos próprios skatistas funcionam como relações de poder estratégicas (FOUCAULT, 1995), isto é, como uma estratégia de legitimação de suas condutas, de modo a exercer práticas agonísticas de liberdade num espaço já barrado às suas práticas. Vale destacar que o acesso à instituição como ex-alunos, a disponibilidade de um aparato material e estético à eventos, e seu pertencimento a um universo privilegiado de consumo, posições de sujeito ocupadas por esses skatistas, permite criar condições de possibilidade à realização do evento à seus modos, numa relação agonística com o poder escolar, diferentemente dos alunos da escola pública Santanna que tiveram suas práticas organizadas pelo discurso educacional das instituições sociais num processo de ampliação das práticas de controle que já os interpelava entre os muros da escola.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. Michel Foucault e a Mona Lisa ou Como escrever a história com um sorriso nos lábios. In: RAGO, M; VEIGA-NETO, A. (org.), Figuras de Foucault. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 97-107.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D; VEIGA-NETO, A; SOUZA FILHO, A. Uma cartografia das margens. ALBUQUERQUE JR, D; VEIGA-NETO, A; FILHO, A. *Cartografias de Foucault*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 09-12.
- ARMBRUST, I; ASCÂNIO, F. O skate e suas possibilidades educacionais. *Motriz*, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 799-807, jul./set. 2010.
- ARMBRUST, I; SILVA, S. Esportes Radicais como conteúdo da Educação Física escolar. In: *XVI Simpósio Multidisciplinar: Universidade e Responsabilidade Social*. São Paulo: USJT, 2010. v. 16.
- ASCÂNIO, F. Skate: de vilão a mocinho. Entre o urbano e a natureza: a inclusão na aventura. *V Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura*. Anais do V CBAA. São Paulo: Lexia, 2011.
- BRANDÃO, L. De Jânio Quadros a Luiza Erundina: uma história da proibição e do incentivo ao skate na cidade de São Paulo. *Projeto História*, São Paulo, n. 49, p.296-323, Abril de 2014.
- DELEUZE, G. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, G. Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle. In: DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1992, p. 219-226.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, v. 1. São Paulo: 34. Ed., 1995.
- FOUCAULT, M. Aula de 25 de janeiro de 1978. In: FOUCAULT, M. *Segurança, território e população: curso dado no College de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.



**V Extremos do Sul**  
Educação Física e espaços de atuação:  
Interlocuções e diálogos com o discurso escolar da  
Saúde, da Recreação/Lazer e do Treinamento

Furg - Rio Grande - RS / 14, 15 e 16 de outubro de 2015

\_\_\_\_\_. Aula de 17 de Março de 1976. In: FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 285-316.

\_\_\_\_\_. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, H; RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)*. Tradução Vera Porto Carrero, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

HONORATO, T. Relações de poder entre skatistas e escola. XVII SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR. In: *Anais do XVII Simpósio Internacional Processo Civilizador*, Recife, 10 à 13 de novembro de 2009.

KASTRUP, V. A rede: uma figura empírica da ontologia do presente. In: FONSECA, T; KIRST, P. *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: UFRGS, 2003, p. 53-61.

MAIRESSE, D. Cartografia: do método à arte de fazer pesquisa. In: FONSECA, T; KIRST, P. *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: UFRGS, 2003, p. 259-271.

OLIVEIRA, T; PARAÍSO, M. Mapas, danças, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. In: *Pro-posições*, vol. 23, n. 3 (69), p. 159-178, set/dez 2012.

PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, UFRGS, 2014.

TEIXEIRA, J; FREITAS, G. *Memórias da prática do skate em Rio Grande/RS: geopolíticas, arquiteturas e skatistas*. 2013. 61 f. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Educação Física Licenciatura). Instituto de Educação. Curso de Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, 2013.

VEIGA-NETO, A. Dominação, violência, poder e educação escolar em tempos de Império. In: RAGO, M; VEIGA-NETO, A (orgs.), *Figuras de Foucault*. 3.ed.. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 13-38.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares. In: COSTA, M. (org). *Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. 2.ed..Rio de Janeiro: DP & A, 2002, p. 23-38.

WILLIAMS, J. *Pós-estruturalismo*. Tradução de Caio Liudvik, 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

## SITES

ONG Skate Solidário. Disponível em: <<http://www.skatesolidario.org.br/>>. Acessado em: 31 jul. 2015.

Escola Ande de Skate. Disponível em: <<http://www.andedeskate.com.br/>>. Acessado em: 31 jul. 2015.

SALLA, F. A moçada vai radicalizar com o skate na Escola, 2013. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-2/mocada-vai-radicalizar-skate-escola-741940.shtml>>. Acesso em: 31 de jul. 2015.



**V Extremos do Sul**  
Educação Física e espaços de atuação:  
Interlocuções e diálogos com o discurso escolar da  
Saúde, da Recreação/Lazer e do Treinamento

Furg - Rio Grande - RS / 14, 15 e 16 de outubro de 2015